



**André Luiz Cosme Ladeia<sup>i</sup>**

**“Nascimento”**

Quando nasci

A morte

Veio me visitar

E me presenteou

Com seu relógio negro

O coveiro que fez meu parto

Me benzeu

E depois

Começou a preparar a minha lápide

As bailarinas dançavam

Com a morte

Ao som de uma música lúgubre

Os sinos badalaram

Para comemorar o início

Do meu enterro.

**"Guerra"**

Na Guerra  
Os homens  
Carregam  
Os  
Mortos;

As mulheres,  
As crianças;

Os nômades,  
As sacolas;

Só a vida que é  
Deixada para trás.

**"Tortura"**

A gota d'água caindo devagar,  
A luz ligando e desligando  
Ininterruptamente  
O choque frio  
A unha sendo retirada  
A cabeça mergulhada  
A dor, a sede, a fome,  
O espelho

**“Charrete”**

Nas viagens  
Os turistas  
Se vangloriam  
De seus passeios sádicos  
Com os cavalos

e os trabalhadores  
exploram  
os  
turistas  
que  
exploram  
os  
cavalos

A verdade  
É que sempre haverá alguém  
Com freio na boca  
E um chicote.

**“AntropoTeofagia”**

E o Verbo se fez carne  
E eu me fiz pão  
E fomos repartidos  
entre os pobres

**"Primeiros Versos"**

Da rodoviária estropiada

Escrevo esses versos

Como quem morreu

E não conseguiu voltar

Os primeiros versos são eternos

Porque a alma assim o quis

Revisar sob o pátio da perfeição

Seria como mutilá-los

Tornando-os impuros

Os primeiros versos são inofensivos

Como o primeiro amor

Por que o poeta haveria de saber mais que o espírito?

(De ser mais pretensioso?)

O poeta é o instrumento da alma

que tem a contumácia em não se calar.

**“Exílio Forçado”**

Fiquei exilado por uma década  
e ninguém sentiu a minha falta  
Ninguém se lembrou de mim  
( Por que haveriam de se lembrar  
Se nem eu mesmo tive tempo para isso? )

Fiquei exilado por uma década  
Na Sibéria - dez primaveras -  
Nesse exílio forçado e consentido

Senti frio  
E nem isso eu pude sentir.

Estava anestesiado da minha própria existência.

**“Manhã de Inverno”**

Manhã bonita

Brota

E vem

Com um frio

Tardio.

É inverno

Há nevoeiro, orvalho,

Cobertor e vestígios na janela

Quem sabe não é esse o grande elixir da vida?

O frio da manhã

Que adentra pela minha janela.

**“Chinelo”**

Chinelo que gruda

No chão como um chiclete

E que flutua entre

Um passo e outro

Como um astronauta

Em uma aeronave

Que não pensa

Noutra coisa

A não ser

Aterrissar

**“A Cova”**

A cova é do tamanho

Do carrasco

É um buraco

Que inuma;

É um precipício

Dentro do precipício

Onde são

Enterrados

Os

Nossos

Sonhos.

---

<sup>i</sup> **André Luiz Cosme Ladeia** é poeta e procurador municipal. Autor de *Suave como a Morte* (Penalux, 2014).